

# SeMediando

## Histórias de sucesso

Organização:

Josiane Caleffi Estivalet

Mariú Marlene Delanhese

# SeMediando Histórias de Sucesso

Organizadoras

Josiane Caleffi Estivalet  
Mariú Marlene Delanhese

Apoio:





---

S471

S471 Semediando : histórias de sucesso / Organizadoras: Josiane Caleffi Estivalet, Mariú Marlene Dalanhese. – [Porto Alegre: AJURIS, 2022].

102 p. : il., color.

E-book.

Comissão organizadora: Josiane Caleffi Estivalet, Clarissa Corrêa Ribeiro Queiroz, Creuzeny Silva, Daniela Peroni Finger, Débora Coiro da Silva, João Paulo Terra Batista, Marcelle Coelho do Rosario e Mariú Marlene Delanhese.

ISBN: 978-65-992702-3-9.

1. Mediação. 2. Conciliação. 3. Conflitos. I. Estivalet, Josiane Caleffi (org.). II. Dalanhese, Mariú Marlene (org.). III. Título.

CDD 8869.3

---

Catálogo na Publicação (CIP):  
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação: Josiane Caleffi Estivalet

Clarissa Corrêa Ribeiro Queiroz

Creuzeny Silva

Daniela Peroni Finger

Débora Coiro da Silva

João Paulo Terra Batista

Marcelle Coelho do Rosario

Mariú Marlene Delanhese

## EQUIPE TÉCNICA

Organização | Josiane Caleffi Estivalet e Mariú Marlene Delanhese

Preparo dos originais | Adaptação dos textos: Mariú Marlene Delanhese

Revisão: Clarissa Corrêa Ribeiro Queiroz

Design de capa | Ilustrações: João Paulo Terra Batista

Assessoria de Edição: Marcelle Coelho do Rosario

## SUMÁRIO

---

Apresentação  
Prefácio  
Introdução  
Semediar, a nossa arte  
Mediador, semediador  
A justiça de um perdão  
Acordo de pantufas  
Acreditando no possível  
Amor triplicado e multiplicado  
Ar de paisagem  
Autoajuda  
Círculos de amor  
Conversa boa  
Duque reciclando  
É conversando que se entende  
E foram felizes...  
Emoção de um reencontro  
Encontrando amante no Google  
Flores amarelas  
Garnisé  
Guerra por Thadeuzinho  
Hierarquia  
Índia morena  
Mãe coragem  
Mate amigo  
Mediação mais que familiar  
Mediando 40 anos de re-sentimentos

Montanha russa sindical  
Muro da concórdia  
O homem que se tornou pai na Mediação  
Oficina que transforma  
Os papéis trocados  
Outros conflitos  
Pão e vinho  
Poder do diálogo  
Princesa  
Quatro irmãos, três desejos  
Reencontro comovente  
Sobre seguir em frente  
Ted e o conflito infinito  
Uma grande família  
Colaboradores

A todos que SeMediam!



O impossível reside nas mãos inertes  
daqueles que não tentam.  
Epicuro

**M**ediar conflitos, muito mais do que seguir as etapas de um procedimento e aplicar as técnicas adequadas, é colocar-se disponível para o imponderável, para as inúmeras surpresas que o contato humano nos oferece.

Com o máximo abertismo e muita coragem o mediador se disponibiliza para uma tarefa que pode ser simples ou extremamente complexa. Sim, é preciso ter abertismo para não julgar, não preconceituar as diversas questões que podem surgir numa sessão de mediação e, também, muita coragem porque é impossível prever o que os mediandos trarão para o espaço de diálogo que lhes foi ofertado.

Empatia, bom humor, criatividade, otimismo e persistência são qualidades importantes para que se leve a bom termo encontros entre indivíduos ou grupos em conflito.

Esta obra contendo relatos de mediadores experientes e iniciantes nos oferece uma fotografia desse importante trabalho em prol da harmonização social. Casos simples, complexos, emocionantes, inusitados, engraçados são tratados com

seriedade, muito respeito e com o sincero desejo de fornecer as melhores ferramentas para aplacar a dor e o sofrimento daqueles que, pelas mais diversificadas razões, estão em conflito e não possuem o necessário discernimento para encontrarem, por si sós, a solução mais adequada, aquela que possa atender aos interesses de todos.

Desde a feliz escolha do título: *Semediar*, expressão que bem reflete a tarefa do mediador, este livro nos traz inúmeras reflexões sobre a vida, sobre a beleza e a complexidade das relações humanas, nos encanta e nos emociona e, sobretudo, nos traz esperança de que é possível, sim, construirmos uma sociedade mais humana e solidária.

Vanderlei Teresinha Tremeia Kubiak

Desembargadora Coordenadora do NUPEMEC TJRS

Com grande alegria é que aceitei o convite de prefaciar a obra comemorativa dos 20 anos do NEM (Núcleo de Estudos de Mediação) da Escola Superior da Magistratura da AJURIS.

Foram cerca de 17 anos durante os quais o NEM fez parte da minha vida. O trabalho intenso no Tribunal de Justiça não inibia o meu agir. Para o espanto de alguns, reservava muitas vezes as madrugadas para pensar, escrever sobre Mediação e refletir sobre as atividades necessárias para fortalecer o Núcleo.

O dia 19 de junho de 2019 foi mais um dia de trabalho e reuniões. Tudo isso não me impediu de me dirigir à noite ao NEM para assistir a uma palestra, entusiasmada com mais um encontro gratuito e público sobre tema envolvendo Mediação. Não poderia imaginar que aquele seria meu último contato com o NEM.

Fui acometida de um grave e inesperado AVC na manhã seguinte, sem ter sequer a oportunidade de me despedir, de agradecer pelos afetos recebidos e a dedicação ferrenha dos integrantes do NEM ao estudo da Mediação.

Foi o pensar na Mediação, entretanto, que me deu resiliência para ter serenidade e perceber que se encerrara um ciclo, que se apresentava para mim uma nova fase de vida, período de descanso, de levar adiante projetos postergados, de convivência em família, de fazer novas conexões, de relações simples e alegres no outono do existir.

Tinha a certeza de que o NEM persistiria às mudanças. E isso aconteceu.

Sob a coordenação da Dra. Josiane Callefi Estivalet o grupo resistiu até mesmo ao período obscuro de uma pandemia, o da Covid 19. E a publicação de uma obra comemorativa revela o vigor do NEM.

SeMediando, título da obra, é um termo cunhado pelo mediador Henrique Alam de Mello Souza e Silva que o ofereceu ao NEM. Numa perspectiva de esperança, em cada um dos textos, vemos o semear do mediador, propiciando um espaço de harmonia e superação de conflitos.

Eles demonstram a importância da comunicação assertiva, não conflitiva, uma linguagem que favorece a cooperação da construção de um caminho de consenso. Dúvidas, sentimento de missão não cumprida muitas vezes surpreendem o mediador. Mas, é preciso tomar fôlego e seguir "semediando".

Na presente obra, encontramos narrativa sobre a busca de um filho que deseja receber o afeto do pai mais do que a mera pensão alimentícia. Nota-se em outro uma mudança de olhar resultado da experiência na Oficina de Pais.

Observe-se que identificar pontos de interesse comum entre os mediados é habilidade exigida do mediador para a construção de uma Mediação exitosa, mesmo que o conflito envolva o Estado.

O momento é de alegria. O Núcleo completa 20 anos e sua repercussão na sociedade se evidencia nesta obra.

Passaram-se 20 anos. Foram muitos os desafios superados pelo NEM durante essa trajetória, porém a união de seus integrantes sempre o fortaleceu. Houve momentos de leves sorrisos, de gargalhadas incontidas, abraços, confraternizações e um constante esforço dos integrantes para a solidificação da

Mediação no Rio Grande do Sul. Também houve perdas, momentos de luto. Por isso, é importante lembrar e expressar a gratidão do NEM pela contribuição de Rosemari Seewald, Rosane Michels, Cláudio Fernandes Machado. Prematuramente esses amigos deixaram o NEM por terem cumprido sua missão de vida. Mas, as lágrimas saudosas umedeceram o solo fértil do Núcleo que ressignificou a tristeza, tanto que o NEM continua a produzir.

É preciso manter o dinamismo da Assistente Social Rosemari, a proatividade da Juíza Rosane Michels, atitudes que alicerçaram os primeiros anos do NEM. Cláudio, por sua vez, como mediador estudioso, comunicativo e habilidoso na área de informática contribuiu na organização e efetividade do Núcleo.

Portanto, a todos que atuaram e atuam, passado e presente do NEM, fica o reconhecimento de que cada um ofereceu e está oferecendo o seu melhor.

Parabéns, NEM, por seus 20 anos. O futuro lhe aguarda.

Genacéia da Silva Alberton

Desembargadora Aposentada do TJRS

## INTRODUÇÃO

---

**N**a obra *Tudo Sobre o Amor*, bell hooks afirma que estamos todos terrivelmente apavorados e, o tempo todo, obcecados com a ideia de segurança. Estas circunstâncias tendem a nos ensinar que a segurança está na semelhança e o que for diferente passa, então, a ser visto como uma ameaça. A autora ainda discorre sobre os sentimentos de isolamento e solidão, enquanto elementos indissociáveis da modernidade e conclui que satisfazer as nossas necessidades emocionais é, frequentemente, muito mais difícil do que atender aos desejos materiais. Liberdade e justiça, para bell hooks, são pilares sobre os quais podemos refletir sobre semelhanças e diferenças, necessidades e desejos.

O Poder Judiciário, enquanto expressão maior da justiça e garantidor das liberdades, guardião do modelo heterocompositivo de resolução de conflitos apresenta-se como sólido e laico, circunscrito a uma dimensão própria de atuação. Ainda assim, passível de transformações e constante aperfeiçoamento tendo em vista que, modernamente, segundo Jean Carbonneir, almeja-se uma justiça mais íntima e menos intimidante.

Os métodos autocompositivos, não menos complexos e sofisticados que os heterocompositivos, propõem-se a (re)aproximar conflitantes e instigar que estes encontrem soluções adequadas ao conflito. O duplo propósito, apaziguador e educativo, confere à Mediação e à Conciliação um protagonismo

distinto posto que, na resolução da contenda, diferentemente do que acontece no modelo heterocompositivo, pode-se extrapolar os limites jurídicos da demanda, uma vez que são levados em conta os significados e os significantes do conflito, bem como o tempo necessário à sua superação.

Apesar das características da autocomposição comporem o leque de aspirações dos litigantes, uma vez que o processo autocompositivo é regido pelos princípios da confidencialidade, oralidade, informalidade, independência e autonomia, ela ainda se apresenta dentro de um contexto que pode ser tido como "diferente", o que nas palavras de bell hooks, seria capaz de produzir uma sensação de estranhamento e medo. Talvez isso explique porque mesmo depois de terem sido escritas inúmeras obras que abordam, doutrinariamente, as vantagens da cultura da paz e da autocomposição, ainda se enfrenta uma intensa e, por vezes, irracional resistência a eles.

O Núcleo de Estudos de Mediação da Escola da AJURIS, fundado pelo prof. Dr. José Luis Bolzan de Moraes, preocupa-se em estudar, com profundidade, a autocomposição há 20 anos. Nas reuniões mensais os seus integrantes dedicam-se à leitura de obras clássicas e ao aprimoramento das técnicas utilizadas por mediadores e conciliadores nas sessões de Mediação e audiências de Conciliação. Ainda, refletem sobre as formas de atender às necessidades emocionais dos conciliandos e dos mediandos, frequentemente impossíveis de serem satisfeitas posto transbordarem os estreitos limites dos processos judiciais regidos pela forma heterocompositiva de resolução de conflitos.

A ideia de divulgar a Mediação e a Conciliação a partir das experiências dos mediadores e conciliadores que gentilmente dividem conosco suas histórias e que agora se apresentam no

formato de crônicas, surgiu no grupo ainda durante a pandemia causada pelo Coronavírus, quando os encontros mensais tornaram-se online.

Para concretizar a ideia do presente livro, formou-se uma comissão organizadora composta por Clarissa Corrêa Ribeiro Queiroz, Creuzeny Silva, Daniela Finger, Débora Coiro, João Terra, Marcelle Coelho do Rosario e Mariú Marlene Delanhese, a quem deixo registrado o meu reconhecimento e agradecimento. Na sequência, os mediadores e conciliadores foram convidados a contar histórias experienciadas ao longo das suas práticas dando-se a liberdade para que elas abordassem as mais diversas situações, fossem elas alegres ou tristes, inusitadas, engraçadas ou que simplesmente refletisse o cotidiano dos profissionais que trabalham na concretização da cultura da paz. Vinte e nove mediadores e/ou conciliadores atenderam ao convite e remeteram, ou por escrito ou por áudio suas histórias que foram, posteriormente, transformadas em crônicas pela jornalista e mediadora Mariú Delanhese. A obra ganhou cores através da criatividade do mediador João Terra, responsável pelas ilustrações que representam as emoções que moldam as experiências internas e interpessoais das narrativas, transformadas em crônicas.

Prefaciada pela desembargadora Genacéia Alberton, que conduziu o NEM durante vários anos de forma afetuosa e consolidou a dimensão e importância que ele tem hoje, com inserção prática e acadêmica, a presente obra pretende alcançar a cada leitor de forma singular. Ouso dizer que, honrando o termo cunhado pelo mediador Henrique Alam dos Santos, a obra pretende semediar os corações e mentes do leitor, mostrar a



força da autocomposição, e encorajar o abertismo, mencionado pela Desembargadora Vanderlei na apresentação do livro.

Deixo, por fim, externalizado um especial agradecimento a todos os que contaram suas histórias e tornaram possível a elaboração desta obra. Acreditar nos métodos não adversariais de resolução de conflitos, carregar consigo as ferramentas necessárias à concretização de um mundo mais pacífico, amoroso e conectado à justiça e liberdade por todos almejada não é um empreendimento fácil. Pelo contrário, demanda coragem, persistência e comunhão. As razões que nos movem, para alguns, pode parecer mero devaneio. Mas, para muitos, como já dizia o poeta Raul Seixas, um sonho sonhado junto é realidade!

Dra. Josiane Caleffi Estivalet

Coordenadora do Nem

## SEMEDIAR, A NOSSA ARTE

---

**T**odos os que trabalhamos com solução de conflitos já tivemos, ao menos em alguma vez, a necessidade de explicar, efetivamente, o que fazemos. Ajudamos a resolver, mas não tomamos decisão pelos outros; somos terceiros imparciais, que facilitam acordos, mas priorizamos as relações; temos a consciência dos efeitos negativos do conflito, e, mesmo assim, buscamos tirar dele os proveitos positivos. De fato, nossa atividade alcança muito mais do que as nossas expressões em palavras podem significar.

Pois bem, num final de uma Mediação Familiar - dessas que iniciam com a dor do desencontro e vão, aos poucos, mudando o rumo para a adequada e eficaz comunicação - veio-me à mente uma realidade que todos nós experimentamos quando percebemos os frutos decorrentes da nossa atuação: "nessas pessoas", pensei, "foi plantada uma semente de pacificação e de mudança de comportamento, que não posso mais dizer que houve apenas um mediar, mas sim um semediar".

Assim, a arte da pessoa que facilita a solução de conflitos pode ser entendida como aquela que semeia e medeia. Nossa abordagem inicial com a pessoa que está à nossa frente é, basicamente, entender o que a traz para a Mediação, perceber o que ela entende do conflito e se está disposta a participar de uma construção conjunta de uma transformação da realidade que está

posta. Há um claro paralelismo com o ato de quem procura a época e o solo adequados para plantar a sua semente.

Também é do conhecimento de quem semeia que, na semente, está toda a árvore em potência, todos os frutos em potência. Se plantada e cultivada em bom solo, dará os frutos no seu tempo. Algo semelhante ocorre na visão do mediador, porque sabe que, diferentemente dos fatos - que não se podem modificar, mas somente a nossa percepção sobre eles -, o conflito, sim, pode ser transformado. A transformação do conflito em algo positivo está no seu gérmen, obviamente auxiliada pela abertura ao diálogo, empenho em trabalhar seriamente na solução e disposição para ouvir e ver a partir do lugar do outro.

A maior frustração do semeador é quando a semente não produz tudo aquilo que poderia produzir. A maior frustração do semediador é quando ele percebe que os mediandos não estão dispostos a trabalhar em conjunto, mas olham somente para soluções parciais, que ficam muito aquém do que se pode construir quando pensamos nos interesses dos envolvidos e da qualidade da relação que querem ter a partir da solução do impasse.

Muitas pessoas têm-se permitido ser bom solo para semediar: matrimônios reconciliados, irmãos que resolveram problemas do passado, sócios que entenderam suas responsabilidades e funções, familiares que encurtam o tempo de inventários, assuntos que se resolvem de modo mais rápido e eficaz. A vitória do consenso somente se alcança mediante o esforço. Para crescer e bem se desenvolver, a planta precisa esforçar-se, precisa enfrentar e aceitar a luminosidade. E, para que os frutos do consenso venham, é necessário colocar luminosidade no conflito - isto é, trazê-lo à luz -, a fim de que

seja compreendido e assimilado. Somente assim se percebem os resultados.

As árvores, com o tempo, além dos frutos, dão boa sombra e fazem um grande bem ao meio ambiente. Também aqueles que utilizam a Mediação, se adotarem a longo prazo o comportamento (re)aprendido na Mediação, terão a oportunidade de solucionar melhor os impasses futuros e influenciarão muito positivamente as demais pessoas do seu entorno. Aprender com o conflito é atitude de grande sabedoria. Aprender com quem já superou duros conflitos é atitude de grande humildade. A palavra "humildade" tem a mesma origem greco-latina de húmus, a parte viva e orgânica do solo; de tal modo, humildade é fertilidade.

Portanto, a arte de ser um semediador exige estudo, habilidades interpessoais, empatia, trato com os demais. Ouvi uma vez de alguém que muito entende do assunto que "não se faz um mediador somente dentro de uma sala ou sessão de mediação". Realmente, a prática tem demonstrado que necessitamos não apenas gostar de solucionar problemas, mas querer o melhor para as pessoas. Assim é que se forja um bom semediador. Do contrário, seremos profissionais que apenas trabalham com ideias, com teses, com soluções prontas. Mas não: nossa arte é trabalhar por pessoas, por suas histórias reais, pelos anseios e tristezas que têm lugar e tempo certos.

Semediadores são responsáveis pela criação da cultura da paz nos nossos ambientes de família, de profissão, de lazer... Onde há um de nós, ali deve haver a concórdia. Ali deve haver um espaço de encontro, um espaço de respeito. Semediar é a nossa arte, a arte do cultivo da paz.

"Semediar"... esta tem sido a palavra empregada desde 2016 por aqueles que trabalham com a Mediação. Numas poucas linhas,

traduzi um sentimento coletivo de muitos colegas, que, empenhados em fazer da Mediação uma profissão e uma arte, buscavam auxiliar outras pessoas nos seus mais diversos conflitos.

A partir de então, o termo foi ganhando espaço e o coração de muitas pessoas, de modo que não é correto pertencer a um co-autor. Semear sozinho traz uma colheita escassa, semear com muitos traz frutos abundantes!

Por isso, gostaria que o Núcleo de Estudos em Mediação (NEM), instituto que há mais de 20 anos cultiva com estudo e dedicação à Mediação, fosse considerado o detentor do poema e das expressões dele decorrentes "Mediador... Semediador". E que colhamos muitos bons frutos dessa nossa semediação!

Henrique Alam de Mello de Souza e Silva,  
Semediador.

## MEDIADOR, SEMEDIADOR

---

Perdoem-me os linguistas e os estudiosos do idioma.

Perdoem-me os letrados e as pessoas avessas às mudanças.

Não se trata de inventar palavras, não estou ofendendo a Língua Portuguesa.

Digo-o por plena convicção.

Digo-o por pleno amor.

Se, no meu ofício, planto ideias... de do meu esforço saem frutos...

Nada mais justo, nada mais conclusivo.

Do que me chamarem "semediador"!

Henrique Alam de Mello de Souza e Silva

Semediador

## A JUSTIÇA DE UM PERDÃO

---

Um acidente de trânsito que vitimou um pai, levou à Mediação um momento de extrema emoção.

De um lado estava o jovem de 17 anos, que há pouco tempo havia perdido o pai, morto por atropelamento. De outro o motorista que provocou o acidente.

A princípio a sessão se limitava a um pedido de pensão; afinal de contas o menino precisava de ajuda para concluir os estudos, se qualificar ao primeiro emprego e, então, ajudar a mãe e os irmãos.

Ainda que menor de idade, o rapaz pediu para participar da sessão, porque pretendia conversar com o motorista. Queria dizer que perdoava o homem, ainda que estivesse alcoolizado na hora do acidente, e pedia, quase exigindo, que ele se tratasse, para que outra família não sofresse como a sua.

Também pedia desculpas pela necessidade da pensão, garantindo que assim que conseguisse sobreviver sozinho abriria mão do benefício.

Aquela foi uma grande lição de humanidade, uma aula de Mediação dada por um garoto que só queria aplicar na vida o que tinha aprendido com o pai: o senso de justiça.

## ACORDO DE PANTUFAS

---

O primeiro "acordo" a gente nunca esquece! E foi o que aconteceu com nossa colega mediadora.

Ela lembra de uma sessão muito densa, emocionante e de grande satisfação pessoal, pois foi sua primeira atuação na Mediação que chegou ao entendimento. Acompanhada de um colega com quem tinha grande sintonia, aquele foi um encontro virtual, realizado durante a pandemia. E apesar de não gostar do ambiente online ela acredita que, neste caso, foi essencial para alcançar o resultado positivo.

Era uma tarde de sol e ela lembra de estar de calças de pijamas e pantufas, "fantasiada" de mediadora só da cintura pra cima (um dos benefícios do home office). Mas o seu sentimento de conforto não era compartilhado com a solicitante Maria, que afirmou temer Carlos, contra quem tinha uma medida protetiva. Questionada sobre concordar em prosseguir com a Mediação, ela disse que "queria se ver livre deste problema de uma vez".

Em seu relato, sempre com os olhos baixos, Maria contou que se conheciam há 13 anos, chegando a morar juntos por dois anos. Estavam separados há seis meses, mas Carlos não havia aceitado o fim do relacionamento e ameaçou invadir sua casa. Ele chegou a arranhar o carro e estragou uma piscina de lona que estava no quintal. Foi quando ela procurou a polícia e solicitou a medida



protetiva. Ainda assim, vivia com medo de uma nova aproximação dele.

Já Carlos negou todas as acusações e se mostrou alheio às preocupações dela, silenciando em seguida.

Ainda que parecesse uma questão de Família, aquela era uma Mediação Cível, pois Maria buscava, efetivamente, o ressarcimento de seus prejuízos com o carro e a piscina. E ficou claro que ela buscava muito mais do que dinheiro, e sim vingança para amenizar a sua dor emocional.

A discussão em torno dos valores se estendeu e foram necessárias várias sessões individuais naquela tarde. Ele afirmava que o carro já estaria riscado e que a piscina, além de muito usada, havia sido comprada pelos dois, enquanto ela não cedia. O posicionamento medroso que ela apresentou de início deu lugar a respostas decididas e uma postura firme. Passou a acontecer um jogo entre eles, uma disputa de egos.

Novas sessões individuais os trouxeram à realidade, até que conseguiram restabelecer o diálogo e chegaram a um acordo após mais de duas horas de Mediação, a aplicação de diversas ferramentas.

Para a mediadora das pantufas, esta foi a melhor experiência vivenciada em sua caminhada na Mediação. Uma sessão que ficará para sempre na memória, pois iniciou "muito obscura" e, para surpresa de todos, desenrolou-se de forma intensa, emocionante e com sua primeira formalização de entendimento. "Gratidão pela oportunidade de aprendizado".

## ACREDITANDO NO POSSÍVEL

---

**A**s mudanças de comportamento percebidas por muitos após uma Mediação, são o resultado de um trabalho dedicado e exaustivo por parte dos mediadores.

Após 13 anos de casados e dois filhos, de nove e sete anos na época, o casal estava separado há apenas cinco meses.

Chegaram ao Fórum para a sessão de Mediação acompanhados de advogadas e demonstrando certa agressividade neste primeiro encontro.

Apesar de se sentarem lado a lado, estavam quase de costas, evitando o olhar e demonstrando o desconforto em compartilhar o mesmo ambiente. Referiam-se ao outro como "esta pessoa", exaltados, se xingando...

Ainda que as mediadoras tenham sido acolhedoras, precisaram chamar a atenção para conter tamanha ira e parecia difícil contornar tantas divergências, mágoas, rancor, culpa e dificuldade em se comunicar, que refletiam na discussão sobre os filhos, os bens e os negócios. Havia ainda o relato de ameaças, agressões e medida protetiva...

Após este primeiro e tenso momento, aconteceram as sessões individuais e foram necessárias mais três conjuntas. Enquanto isso as advogadas, na esperança de deixar seu clientes a vontade no processo de mediação, optaram por participar apenas da primeira e última sessão.

Após encontros carregados de emoção, quando surgiram os sentimentos dos dois em relação ao outro, o ex-casal conseguiu dar objetivo à separação, tendo clareza das suas decisões e o que cada passo implicaria.

Mas esse caminho, lembram as mediadoras, não foi linear (e nunca é). Houve momentos em que um ameaçava ir embora, ficando muito difícil a tentativa de voltar a conversar. Até que, aos poucos, eles passaram a agir como pais "adultos" e pararam de disputar quais dos dois "tinha razão ou podia mais".

Por fim, chegaram a um acordo e se mostraram satisfeitos com o resultado. Uma das advogadas encaminhou e-mail ao Cejusc agradecendo e elogiando o trabalho realizado e a atuação das mediadoras, pois não acreditava ser possível chegar ao entendimento, graças aos ânimos acirrados. Ela afirmava que havia tentado de tudo, sem êxito, e agora presenciava o que parecia ser impossível.

## AMOR TRIPLICADO E MULTIPLICADO

---

Uma composição inusitada para Mediação Familiar chamou a atenção assim que todos entraram na sala virtual. De um lado um Hugo Paz e de outro o casal Margarida Felicidade e Rodolfo Ternura. "Que mistério, como agir?" pensava a mediadora. Era a primeira vez que via um casal ser chamado a uma sessão.

Foi Hugo quem iniciou contando que, há cerca de cinco anos, teve um breve relacionamento com Margarida enquanto ela era namorada de Rodolfo. Depois casaram e tiveram uma filha, que nasceu oito meses após o fim do duplo relacionamento.

Hugo suspeitava que a criança, que vamos chamar de Amor, poderia ser sua, o que foi confirmado com um teste de DNA. Seu objetivo era substituir o nome do pai na Certidão de Nascimento e passar a conviver com Amor.

Margarida confirmou a história, mas garantiu que só soube da paternidade após o resultado do exame. Rodolfo se mostrou solidário com o sentimento de Hugo. Em um relato emocionante afirmou que não abria mão da paternidade, repetindo que o carinho de pai não havia se alterado com a descoberta recente.

Em meio a tantos sentimentos, o diálogo fluiu de uma forma tão natural que a mediadora optou por não interferir, deixando-os falar. E foi desta forma que construíram uma solução: o nome de Hugo seria incluído na Certidão de Nascimento, sem retirar o de Rodolfo. Amor teria, a partir de agora, dois pais e uma mãe.

Também a convivência com a criança foi acertada, e aconteceria de forma gradual, priorizando o bem estar de Amor.

E quanto tudo parecia bem encaminhado, quase resolvido, surgiu uma nova discussão: como ficaria o nome da criança. Após mais um tempo ficou resolvido que Amor Felicidade Ternura passaria a se chamar Amor Felicidade Ternura Paz.

E esta é uma história real, de que podemos multiplicar o amor a cada Mediação.



**A**s sessões virtuais nos trazem momentos inusitados. São conexões que falham, filhos chegando, vizinhos chamando, gatos pulando sobre o teclado, cachorros latindo...

Mas, para muitos, a hora do encerramento, da despedida, parece ser o mais angustiante. O que dizer para os mediandos enquanto desconectam? Como agir enquanto percebe que alguém

não consegue sair da sala virtual? Devemos orientar ou simplesmente "expulsar"? Quantas dúvidas neste momento final!

E foi em uma dessas ocasiões que a colega optou por permanecer com ar de imparcialidade, olhar blasé e acabou ouvindo de uma medianda um comentário indignado: "olha a cara de paisagem delas!!!".

É, nem sempre acertamos ou estamos preparados para o julgamento dos mediandos...

**A**o assumir o Fórum no interior do Estado, o juiz se deparou com um grande desafio: a equipe de limpeza. Eram cerca de 30 pessoas contratadas por uma terceirizada, que viviam em conflito, principalmente com a chefia, e atrapalhavam o trabalho de todos os servidores.

O novo juiz observou que havia dois grupos, um majoritário e outro que apoiava o chefe, apesar deste exercer uma liderança visivelmente negativa. Em meio a este cenário os trabalhadores pareciam tristes, tensos, desleixados, ineficientes...

Foi quando surgiu a ideia de uma Mediação Institucional. Dois mediadores foram convidados a atuar e a empresa foi consultada sobre a participação de seus funcionários, autorizando, o que foi essencial para o resultado alcançado.

Aconteceram muitas sessões, conjuntas e individuais, que se estenderam por dias... e o resultado foi impressionante. O chefe foi identificado pela maioria como a origem de todos os problemas, inclusive ele mesmo reconheceu este papel e, cerca de um mês após o início da Mediação, pediu afastamento do cargo e, em seguida, se desligou da empresa.

O grupo, sentindo-se unificado e fortalecido, indicou um nome para assumir a liderança. A partir dali o trabalho seguiu em paz, com harmonia nas relações. Na conclusão do processo, o



encontro com os mediadores foi festivo, celebrando o novo momento.

Este é considerado um caso emblemático, um exemplo poderoso da força da Mediação, que levou um grande grupo a solucionar seus problemas, não através de uma decisão hierárquica, e sim buscando opções de forma conjunta.

Tratou-se de um trabalho pedagógico para todos, inclusive para o líder que se afastou do grupo e da empresa, mostrando que teve consciência de seu papel, ainda que negativo.

Com certeza, um caso muito feliz, de solução de um enorme conflito, que transformou a vida de muitas pessoas.

O caso de uma menina que se encontrava na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase) com seu tempo de permanência ali próximo a terminar e sem destino certo, foi atendido com urgência pelo Cejusc.

O atendimento do Círculo Restaurativo aconteceu em uma manhã de Quarta-feira de Cinzas e as opções da menor eram ser enviada a um abrigo ou retornar à casa dos pais no interior do Estado.

Aquela era a segunda passagem da jovem pela instituição: na primeira vez porque furtou um celular de amigos que visitavam seus pais e agora por agressão à mãe. Era uma menina grande e forte e havia receio de que, ao retornar para casa, oferecesse algum risco ao casal.

Naquele primeiro encontro ela pediu a companhia de uma servidora da Fase e se mostrou disposta a repensar seu modo de agir, dizendo-se arrependida e grata pelos pais que tinha. Manifestou, inclusive, a vontade de estudar Medicina.

Mais tarde foram ouvidos os pais, que após horas de viagem surpreenderam as mediadoras por estarem tranquilos e amorosos para falar da menina. Contaram que sempre quiseram uma grande família e, impedidos de engravidar, optaram pela adoção. Após sua chegada, que apresentava vários problemas e fazia uso de medicações contínuas, descobriram que já havia sido devolvida

algumas vezes por outros casais e garantiram que isso nunca mais aconteceria.

O casal, inclusive, procurou a família biológica da filha e estabeleceu convívio entre todos, até mesmo oferecendo algum suporte para eles, que eram carentes. Já os pais adotivos tinham uma boa situação financeira e eram ligados à igreja, o que os levava a atos de amor, caridade e justiça, se esforçando em fazer o que achavam ser o correto.

Por fim foi marcado um encontro com todos: as facilitadoras, a menina e o casal, que chegaram à conclusão de que o melhor era o retorno da menor para casa, com todos se comprometendo em manter uma boa convivência.

Passados aproximadamente dois meses, foi feito um pós-Círculo virtual. A conexão estava ruim e a conversa foi por telefone, no viva voz. Os três estavam reunidos e confirmaram que estava tudo bem. Questionada se a menina estava ajudando nas tarefas da casa, a mãe informou que, pelo uso dos medicamentos, sentia muito sono, então preferiu que filha se dedicasse aos estudos nos momentos em que estava atenta.

Após este novo encontro, que aconteceu no início da noite, a mediadora pensou na sorte que tem em poder oferecer às pessoas novas oportunidades e de fazer a diferença na vida de muitos através do diálogo.

**E**ra um dia agitado naquele Cejusc de Família em Goiânia/Goiás quando a mediadora iniciou os trabalhos. Já na segunda sessão de Mediação, que tratava do divórcio consensual de, vamos chama-los assim, Margarete e Maurilio, o inusitado, que já nos parece comum, aconteceu.

A sessão iniciou com todas as etapas de praxe e, a partir da escuta do "ex-casal" uma atitude chamou a atenção: os dois se tocavam durante o diálogo, colocavam a mão na perna ou braço do outro e "aquela conversa foi ficando boa".

Margarete falava que queria ter mais atenção do marido que saiu de casa sem, ao menos, ouvi-la. Ela afirmava que, a princípio, não queria o divórcio, mas como Maurilio estava morando com outra mulher, ainda que a separação tivesse acontecido há menos de seis meses, era melhor separar.

Maurilio justificou de que saiu porque não tinha a atenção da esposa e há apenas três meses estava "morando junto"; que também não tinha a intenção de se divorciar, mas não havia outra alternativa...

Como eles pareciam concordar, a mediadora redigiu o termo da sessão, imprimiu e entregou para que assinassem. Foi quando aconteceu a troca de olhares, as lágrimas.

A sala ficou em silêncio que foi quebrado por Margarete, dizendo que não queria o divórcio, no que ele concordou.

Foi então redigido novo termo e encerrada a sessão. E eles saíram da sala de mãos dadas, "felizes da vida"!

Contudo...

A atual do Maurilio estava esperando no corredor do Fórum. Mas a nossa colega mediadora, assim como nós, está imaginando até hoje o que pode ter acontecido... Ela seguiu em outra Mediação que, assim como a anterior, pode ter chegado a um resultado diferente do esperado.

Esta história confirma que em uma Mediação ou Conciliação nunca temos a certeza do que poderá acontecer!

## DUQUE RECICLANDO

---



**E**ra um dia de "folga", em que não haviam sessões marcadas, e a mediadora estava em função de sua casa. Limpando, lavando, organizando, tirando o lixo... e foi neste momento que o telefone tocou. Do outro lado da linha a secretária do Cejusc pedindo ajuda: uma Mediação estava para iniciar, sem mediador.

Prontamente ela se colocou a disposição e, literalmente, largou tudo, inclusive o saco de lixo seco que pretendia deixar na lixeira do prédio.

Assim que iniciou a declaração de abertura percebeu que o seu simpático shitzu, o Duque, estava "reciclando" objetos como potes e tubo de creme dental, passeando pela casa com seus novos brinquedos.

Ela conta que, por inúmeras vezes, o animalzinho passou com um objeto novo, apesar de seus discretos protestos: "Duque, para". Ainda que o mediandos não tenham percebido, toda essa movimentação deixou a sessão conturbada. Por fim, "foi uma mediação muito louca".

## É CONVERSANDO QUE SE ENTENDE

---

São muitos os casos envolvendo agricultores que chegam aos Cejuscs do interior do Estado. A maioria deles por dívidas com bancos, que frequentemente chegam a grandes valores.

Neste caso, o agricultor e produtor rural havia realizado dois empréstimos bancários, um de cerca de 40 mil reais e outro de 70 mil. Naquele ano houve baixa dos preços do soja e arroz e grande perda da produção pela seca, que impossibilitou o pagamento das parcelas por dois anos. Agora, acrescidos de juros e multas, os valores ultrapassavam um milhão de reais.

Neste período o agricultor entrou em depressão, passou a beber, adoeceu e acabou morrendo, deixando de herança à mulher e aos dois filhos, a dívida.

E foi a viúva quem compareceu ao Fórum para a primeira sessão de Mediação. Pelos valores envolvidos as mediadoras previram que não haveria acordo, ainda assim acharam importante a oportunidade dos envolvidos conversarem e, principalmente, do banco avaliar as condições daquela família.

A mulher, muito nervosa, contou que era professora aposentada; que os filhos trabalhavam na terra e este era o único sustento de todos. Comentou que, a partir daquele empréstimo, sua vida se transformou, para pior. A doença do marido atingiu a todos e ainda estavam se recuperando daquele baque.



Caso perdessem as terras, sua maior preocupação era com os filhos: "o que vão fazer na cidade? Trabalhar de office boy ou entregador de lanches? Como vão sustentar suas casas?"

Ela salientou ainda que o dinheiro do empréstimo foi todo aplicado nas terras, "não em viagens, no conforto da casa ou gastos pessoais". Dentro do seu orçamento, poderia assumir prestações de até R\$ 200,00, o que sabia ser insuficiente para o banco. Era evidente que ela se sentia frustrada, incapaz, impotente diante da situação.

Os advogados do banco, para alívio de todos, agiram com respeito e demonstraram empatia com aquela mulher. Após ouvi-la atentamente passaram a trocar ideias e o diálogo foi longo e fluido. Por fim, sugeriram a suspensão da execução da dívida pelo período de um ano, o suficiente para que os filhos trabalhassem com tranquilidade e pudessem se organizar financeiramente para, só então, buscar um novo acordo com o banco.

Aquela sessão, que aparentemente não apresentou um entendimento, trouxe esperança para a viúva e também para o credor, que agora tinha uma chance de ressarcir parte do dinheiro investido. E somente através do diálogo foi possível chegar a esta solução, ainda que temporária.

Esta experiência mostra que, ainda que aparentemente os conflitos pareçam sem solução, a conversa, a escuta, pode nos trazer resultados inesperados e positivos. Que os envolvidos tem a possibilidade de sair de uma sessão com um novo aprendizado, sentindo-se melhores do que quando chegaram, mesmo sem um entendimento. Que o acordo não é o principal objetivo de uma Mediação, e sim o bem estar dos mediandos, que podem levar estes ensinamentos para suas vidas.

## E FORAM FELIZES...

---

O casal chegou à sessão de Mediação Familiar para efetivar o divórcio. Estavam separados há pouco tempo, tinham dois filhos e queriam organizar a vida a partir daquele momento da melhor forma, principalmente para as crianças. Uma delas era um bebezinho que a mãe carregava no colo e, por não ter com quem deixar, acabou permanecendo na sessão.

Ao chegarem na sala de Mediação não se olharam, mas conforme foi passando o tempo a conversa passou a fluir e surgiu a preocupação com o batizado do bebê. Para a mediadora, a presença da criança foi fundamental para o sucesso daquele primeiro momento, que os levou a um comportamento mais cuidadoso.

Nos demais encontros, principalmente nas sessões individuais, ficou claro que havia carinho entre eles. E no retorno para a sessão conjunta anunciaram a desistência do pedido de divórcio, indo embora empolgados com os detalhes do batizado do caçula.

Cerca de um mês depois a mediadora os encontrou na rua. Vinham de mãos dadas, acompanhados dos filhos. A cumprimentaram com alegria e agradeceram a oportunidade de recomeço que a Mediação lhes ofereceu.

"E foi assim que, novamente, tive aquela sensação de que vale a pena todo o nosso esforço para seguir com este trabalho que

pode trazer tanta humanidade às pessoas”

## EMOÇÃO DE UM REENCONTRO

---

**M**ediações Familiares são quase sempre surpreendentes e, muitas vezes, tensas. A emoção sempre fala mais alto e os resultados marcam de alguma forma.

A filha, já adulta, ingressou com uma ação judicial que chegou à Mediação em fase de apelação, contra o pai e a esposa. Eles não conviviam e nem mesmo se falavam há muitos anos. A moça casou e tinha filhos pequenos que o avô não conhecia. E também os filhos do pai, também pequenos, nunca encontraram com a irmã.

O motivo era a certeza, por parte da filha, de que a culpada de tudo era a madrasta, que impedia a aproximação. Mas durante a sessão ficou claro que justamente a esposa era quem mais incentivava o pai a procurar pela filha; era quem mandava presentes e cartões carinhosos em aniversários e data festivas, em nome do marido. Ela se preocupava com as crianças e queria a amizade entre irmãos, sobrinhos... quase todos da mesma idade.

E foi na Mediação que aconteceu a grande mudança, depois de muitas lágrimas, emoção, pedidos de desculpas, carinho, compreensão... até mesmo a mediadora se emocionou.

O reencontro foi rápido, e já saíram do Fórum com almoço marcado no final de semana, com família reunida na casa do pai e a oportunidade de se conhecer, reconhecer, brincar, brindar...

Aquela nova família, restaurada pela Mediação, saiu do Fórum lado a lado, com o pai no meio, de mãos dadas com a esposa e

abraçado à filha. Observando estava a mediadora, emocionada, chorando e se sentindo muito feliz.

## ENCONTRANDO AMANTE NO GOOGLE

---

O ano era 2015 e a Mediação ainda engatinhava pelos Fóruns gaúchos. Foi quando chegou à nossa pioneira mediadora um caso de reconhecimento de paternidade e de direitos de sustento, convivência e guarda para outros dois filhos.

Foi feito um pedido de DNA e realizada uma sessão inicial. O homem, mais velho e trabalhador humilde da Ceasa, contou que saiu de casa por uma suporta traição. Ela, jovem, bonita e segura de si, garantia que se tratava de um grande mal entendido.

Contaram que naquele ano adquiriram um smartphone e ela passava muitas horas distraída com o aparelho. "Foi assim que arrumou um amante na Internet", acusou ele.

Na sessão individual o marido contou que tinha detalhes do relacionamento: o amante, com quem ela conversava diariamente, era um homem culto, que enviava tudo que o ela pedia, como receitas, fotos, presentes pessoais e até mesmo para a casa. "Um tal de Guguel!"

E quando ele reclamava, a esposa admitia que preferia ficar na Internet do que com o marido, pois o outro era muito mais inteligente. "Tudo o que peço ou pergunto ele sabe me responder", respondia, o desafiando. Foi quando resolveu a abandonar, grávida do terceiro filho.

A falta de comunicação era evidente! Porém, ainda que a mediadora tenha tentado lhe apresentar o GOOGLE no celular,

ele não conseguia compreender do que se tratava.

A conversa com ela foi intensa. Arrependida, a esposa confirmou que o desafiava e brincava com a situação com frequência. Mas não podia imaginar que ele fosse levar o assunto a sério. Desde que havia saído de casa, ele não lhe deu oportunidade de se explicar e só agora haviam se reencontrado.

Naquela mesma tarde ela, em lágrimas, aproveitou a sessão conjunta para lhe pedir desculpas, explicar o que havia acontecido e prometer que não "conversaria mais com o Google". Ele ficou satisfeito com o sincero arrependimento e, ao deixar a sala de Mediação, imediatamente pegou o caçula no colo e abraçou os outros filhos, prometendo às crianças que nunca mais os deixaria sozinhos, nem mesmo por causa do Guguel...

Há um grupo, ligado ao Cejusc no interior do Estado, chamado Flor&Ser que atende mulheres logo após a audiência preliminar da aplicação da Lei Maria da Penha, em um chamado pré-círculo. O espaço, explica a mediadora, é de escuta e preenche a necessidade dessas mulheres de ter uma boa acolhida nesse momento de extrema fragilidade. Trata-se de um ambiente acolhedor com chá, lenços, balinhas...

Sempre aberta a "escutar o que o Universo tem para dizer", naquele dia a mediadora se deparou com uma senhora vendendo flores próximo ao Fórum. Assim que disse um não, "no automático", teve uma sensação de arrepio ao ver as rosas amarelas e acabou comprando um buque.

Estava se aproximando o Dia das Mães e a ideia foi enfeitar a sala e também oferecer um mimo às participantes.

E assim foi feito! Cada mulher que passou por ali recebeu uma flor amarela. Até que chegou uma jovem de 16 anos, a Rosa. Sem cumprimentar, apenas sentou e ficou olhando pela janela, para o nada...

Chorando e com muita raiva, contou que pretendia fazer justiça com as próprias mãos, pois na audiência haviam rido dela, ignorando sua necessidade de ajuda. Não era a primeira vez que denunciava o ex-companheiro, pai de seu bebê de oito meses,



mas, pela primeira vez, pretendia seguir com o processo; estava pronta para ir em frente, mas a Justiça riu dela.

Ainda que as mediadoras tenham garantido apoio, ela não acreditava "ajudar como, se eles riram de mim?". Mesmo assim seguiram lhe contando sobre os grupos de apoio e as atividades que eram realizadas com as participantes: meditação, teatro, dança... "Eu danço! Na escola eu danço", exclamou Rosa. "Se tens experiência, seria um prazer tê-la conosco". Este comentário foi o suficiente para criar um laço entre elas. Rosa disse que ia pensar em como poderia ajudar e trocaram os números de telefone.

Ao final do encontro, se abraçaram e a jovem foi embora. Quando a mediadora viu a flor amarela, saiu atrás da moça alcançando na escadaria do Fórum. Ofereceu a rosa à Rosa, dizendo que era uma lembrança daquele momento e uma forma de alegrar o seu dia.

"Mas ela tem espinhos", reclamou a menina. "Sim, tem espinhos como na nossa vida tem obstáculos e dificuldades. E os espinhos não a impedem de ser linda e delicada. Assim é a vida, que mesmo com todas as dificuldades pode ser leve e linda! Vem com a gente, tu não estás sozinha!".

Elas se abraçaram novamente, desta vez com força e lágrimas. Rosa lhe deu um beijo e agradeceu, e foi naquele momento que a mediadora compreendeu porque comprou as flores amarelas. Eram a metáfora da vida, tão importante para Rosa compreender como deveria ser o seu caminho dali pra frente.



O que parecia ser uma briga de vizinhos demonstrou a necessidade de atenção nas relações sociais, além de ser um momento de aprendizado para a nossa colega mediadora.

O motivo que levou um senhor de 86 anos e seu jovem vizinho ao Cejusc parecia inusitado. O cachorro do rapaz havia matado

uma garnisé que se aproximou do canil. A princípio o idoso pareceu aceitar as desculpas e compreender as circunstâncias do acidente.

Contudo, ele soltava fogos de artifício a cada vez que o vizinho chegava do trabalho, à noite. Como o casal não reagia, passou a apontar os artefatos para a casa, até atingir uma janela. A partir daí a situação ficou fora de controle e o rapaz já tinha vinte e uma medidas protetivas contra o idoso "pirotécnico" quando chegou para a sessão de Mediação.

O encontro no Fórum foi tenso e agressivo, mas conforme o tempo foi passando uma dúvida surgiu. E o clima pesado foi totalmente quebrado graças à colega mediadora que não conseguia compreender o que estava realmente acontecendo por um detalhe: "o que é uma garnisé?", perguntou ela em meio a risadas. Foi quando descobriu que toda aquela briga era por causa de uma galinha!!!

A partir daí a sessão seguiu animada, eles passaram a trocar informações com tranquilidade e o ambiente se transformou em uma sala de conversa. Ficou claro que o idoso estava chamando a atenção do vizinho. Por morarem em uma área de sítios, aquelas eram as pessoas mais próximas dele.

Baseado nessa necessidade, concordaram em retirar as protetivas e prender as garnisés. E o termo da sessão se transformou em um tratado, em que o jovem casal se comprometia a entrar em contato diariamente, para garantir que estaria tudo bem com o senhor.

A garnisé, na verdade, tinha um valor que ia muito além do ressarcimento financeiro ou questão territorial. Ela foi a oportunidade de uma aproximação social, de um afago, de um

carinho, um olhar para os sentimentos e expectativas de um senhor. Aquela foi na verdade a "galinha da paz".

## GUERRA POR THADEUZINHO

---

Casal jovem, ela professora e ele militar reformado por motivos de saúde. O processo de divórcio estava encaminhado e os bens divididos. Contaram que logo no início do casamento ele foi diagnosticado com câncer e resolveram não ter filhos. A opção pelo divórcio foi em comum acordo, ela procurando mais tempo e tranquilidade para sua vida e ele querendo se aproximar da família, que era sua rede de apoio para a doença.

A questão toda: o Thadeuzinho, o cãozinho que era a única companhia dela nos finais de semana e que ele julgava ter a posse, pois compartilhou de todos seus períodos de convalescença.

Cabia à Mediação levá-los a um entendimento sobre quem deveria ter a "guarda" do pequeno animal. Surgiram diversas sugestões de combinações e a mais aceitável foi a permanência de Thadeuzinho com a "mãe", convivendo com os dois em finais de semana alternados, inclusive com horário de busca no sábado e entrega no domingo. Esta seria uma experiência de 30 dias.

Após um mês o militar não se sentia contemplado com o convívio. Para piorar a situação, a professora queria o reconhecimento de que o cão era dela.

Mas quando ele concordou com a exigência, ela informou que ficaria com Thadeuzinho apenas nos finais de semana, enquanto de segunda a sexta ele cuidaria do animalzinho. Ainda assim tinha que ficar claro no Termo de Entendimento que o cão era dela!

**R**espeito à hierarquia é importante no ambiente militar, mas pode se tornar um problema quando levado para a família.

Era um casal de militares, ele coronel e ela soldado. Após anos de casados, houve a separação e ela reatou com um antigo namorado. Na época, o filho de nove anos seguiu morando com o pai, que não conseguia negociar a convivência da mãe com o menino.

Os primeiro encontros foram tensos, com muita dificuldade de diálogo, principalmente porque ele não a deixava falar, sempre interrompendo e ela cedendo de maneira submissa, como em um quartel. Ainda que ambos demonstrassem interesse em resolver o problema, não conseguiam evoluir no diálogo.

Para agravar a situação, também o casal de mediadores, por terem formas diferentes de atuação, não conseguiam ajudar, chegando a não concordar quanto à abordagem em alguns momentos.

Foi quando surgiu a necessidade de pedir a supervisão de uma colega mais experiente. Foram então retomadas as rodadas de encontros individuais, realizadas novas sessões conjuntas e surgiu uma nova estratégia.

A partir dali a mediadora trabalharia diretamente com o pai do menino e o mediador com a mãe. O objetivo era ele perceber a dificuldade que tinha de lidar, não só com seus subordinados, mas

principalmente com mulheres, e que deveria ultrapassar essa barreira.

Já o mediador mostrou para a mãe que ela não deveria se intimidar com a patente do ex-companheiro, pois naquele ambiente ele era o pai de seu filho e não um superior.

O resultado foi que aprenderam a conversar, conseguindo debater sobre as questões relativas ao menino. Ambos compreenderam que a hierarquia não tinha espaço no ambiente familiar e sim a parceria para a criação de um filho feliz, seguro e amado.

Uma disputa de terras, ainda que de pequena extensão, pode levar a um grande conflito e desencontros ainda maiores.

Há cerca de 10 anos uma senhora e seu vizinho discutiam sobre o tamanho de seus terrenos e, pior do que isso, ambos afirmavam que o outro havia invadido seu espaço na construção da casa.

Lurdinha, vamos chama-la assim, chegou a procurar a polícia para opinar sobre o caso e, segundo ela, os PMs concordaram que estaria certa.

Do outro lado tínhamos Pedro, caminhoneiro cuja esposa estava grávida e assustada com toda aquela situação. A cada viagem ele se preocupava, temendo por agressões por parte da vizinha e por isso procurou o Cejusc.

Receber uma intimação causou um tumulto na vida de Lurdinha, que contou que a irmã enfartou com a notícia. Relatou ainda que, ao comentar com seus professores de canto, dança e ginástica (sim, ela era muito ocupada!), todos ficaram admirados e acharam injusto ter sido chamada ao Fórum. A tensão era tanta que passou mal após a primeira sessão e seu filho foi chamado. Ela repetia que, aos 71 anos, era a primeira vez que enfrentava a Justiça.

Ainda assim, concordou em seguir com a Mediação e nas sessões individuais foi possível perceber que a questão dos



imóveis era apenas a ponta do iceberg. A esposa de Pedro era sobrinha de Lurdinha e havia um grave conflito entre as primas. Quanto ao terreno, pertencia à família e estava registrado junto à Prefeitura, sem nenhuma irregularidade relativa à construção das casas.

Lurdinha foi se acalmando e o diálogo foi restabelecido com a sobrinha e o marido. Havia um sentimento de carinho entre eles, e combinaram de procurar um profissional para medir os terrenos e encerrar a discussão de uma vez.

Ao final do último encontro, os familiares aguardavam no corredor do Fórum e o clima era de tranquilidade. Tanto que Lurdinha disse que iria voltar, o que assustou a mediadora que chegou a pensar que ela não estivesse satisfeita com o resultado ou tivesse outras questões a resolver.

"Voltarei para cantar 'Índia Morena' em tua homenagem", disse Lurdinha, deixando a certeza do quanto é fundamental não só a comunicação, como o cuidado em tratar todas as questões que realmente levam as pessoas a procurar a ajuda dos mediadores.



**A**vontade de ajudar um filho, investir no seu sonho e depositar ali todas as suas forças, pode levar uma mãe a atitudes extremas.

Era uma sessão de Conciliação entre a mãe de um aluno do curso de Medicina e a Universidade. Ela procurou o Cejusc após tentar o diálogo com a direção da entidade, sem sucesso.

O semestre iniciaria sem ela ter conseguido negociar o pagamento das mensalidades atrasadas ou a matrícula, ainda que tivesse vendido o apartamento da família para isso. Tinha ainda a

intenção de pagar a integralidade do curso com o dinheiro da venda.

A família passou a morar de aluguel e a expectativa era que o rapaz, depois de formado, pudesse adquirir outro imóvel para todos morarem. A decisão foi de comum acordo em casa, como forma de apoio e incentivo ao estudante.

Frente a esta atitude extrema, o representante da Universidade iniciou com o acordo de pagamento dos atrasados e garantia da frequência do aluno naquele novo semestre e orientou a mãe a procurar o Departamento Financeiro para negociar o pagamento de todo o curso.

Os envolvidos ficaram satisfeitos com o resultado da sessão, mas a atitude e coragem daquela mulher surpreendeu e marcou a todos naquele dia de Mediação.

**A**s duas famílias, grandes famílias, se conheciam por toda a vida. Na verdade as avós, ambas com mais de 80 anos, foram as primeiras vizinhas. Moravam naquelas terras desde o casamento e seis décadas haviam passado.

Como é comum no interior, os filhos e netos foram crescendo e seguiram vivendo por ali, construíram suas casas, trabalhavam na terra. Festas em família eram compartilhadas, assim como os sonhos, as histórias e, principalmente, o mate de cada final de tarde, tradição que as amigas octogenárias faziam questão de cultivar juntas.

Tudo corria bem até que... um vizinho comentou que aquelas propriedades estavam irregulares; que ao longo dos anos algumas cercas e estacas foram movidas para um ou outro lado, e uma das famílias estaria sendo prejudicada.

A repercussão foi enorme naquela pequena comunidade do interior, a confiança foi quebrada e terminou tamanha amizade.

Quando chegaram ao Cejusc, as duas idosas responsáveis pelas famílias (e também pelo pedido de Mediação) sentaram de costas uma para a outra, extremamente magoadas e desconfiadas.

A primeira a falar contou que eram muito amigas, mas que a desconfiança destruiu qualquer laço de carinho. A outra confirmou o fim da relação e ressaltou o chimarrão no final da

tarde, a partilha de cucas, bolos e pães, trocas de receitas... Nada mais era possível depois do que vinha acontecendo, depois dos comentários maldosos e a desconfiança que surgiu.

A mediadora percebeu ali um ponto em comum: o que mais as incomodava não eram as terras e sim o fim da amizade.

Assim, enquanto os advogados e filhos mais velhos debatiam em busca de soluções e de chegar a um entendimento, estimuladas pela mediadora as duas seguiam falando do tempo em que eram amigas, trocando lembranças, lamentando o que haviam perdido.

Aos poucos os filhos foram silenciando, percebendo o quanto aquela situação estava prejudicando as duas senhoras. Tocados pela emoção do momento, desistiram de medir as terras e o conflito se encerrou ali mesmo, tendo como protagonista o chimarrão que, sabemos nós gaúchos, é símbolo de união e, mais uma vez, cumpriu o seu papel, desta vez em uma sala de Mediação.

## MEDIAÇÃO MAIS QUE FAMILIAR

---

**E**ra um belo dia de início de semana, a medianda ainda lembra, o ano era 2014 quando ela chamou os mediandos no corredor do Fórum e levantaram dois idosos. Vamos tratá-los de Antônio e Amélia.

Ao avistá-los a medianda teve uma sensação estranha: o que levou dois idosos, após tantos anos, procurar o judiciário para o divórcio? Ainda assim, ela os cumprimentou e conduziu à sala.

Convidados a sentar, a conversa iniciou agradável, até mesmo entre eles. Contaram que estavam casados há 53 anos e sempre viveram bem. Porém, nos últimos dois anos, as coisas decaíram e resolveram, de comum acordo, pelo divórcio.

Conversa vai, conversa vem... passaram a revelar as causas do conflito. Acontecimentos e intrigas de família começaram a surgir, filhos e netos uns contra outros. Logo, Amélia pendia para um lado e Antônio para outro, o que os levou a decidir pela separação...

Ah! Ia esquecendo de um detalhe. Para o "evento" da separação, toda a família compareceu ao Fórum, aguardando no corredor...

Durante a conversa com os mediadores, o casal pediu permissão para chamar um dos filhos, tudo bem. Depois foi uma filha, em seguida um dos netos, outro filho, até que todos estavam na sala, cerca de 14 pessoas.

E os mediadores acharam que poderiam seguir com a Mediação, cada vez mais Familiar... E o resultado não poderia ser melhor: "Foi emocionante. Trataram juntos de cada detalhe exposto, o que levou todos aos prantos, com pedidos de perdão e abraços".

O que de início seria a Mediação de um divórcio consensual, se tornou a Mediação de uma família inteira, resultando em todos felizes e sem "separação". "Foi gratificante participar de uma Mediação assim, que terminou de uma forma surpreendente e emocionante para todos os envolvidos, nunca vou esquecer esse acontecimento"!

Por fim fica a certeza de que a Mediação/Conciliação chegou não só para desafogar o Judiciário, mas também como ferramenta primordial no restabelecimento das relações.

## MEDIANDO 40 ANOS DE RE-SENTIMENTOS

---

**A**pós 40 anos de vida comum, o casal resolveu se separar. Ao longo desses anos adquiriram bens e formaram uma família com três filhos e oito netos.

Quando chegaram à sessão presencial de Mediação, o processo judicial em andamento já havia concluído questões como divórcio e sustento da esposa. Contudo, o grande conflito acontecia com a partilha dos bens, que não eram poucos, localizados tanto em área urbana como rural.

No primeiro encontro os mediandos não quiseram sentar lado a lado. Acompanhados de suas advogadas, as colocaram entre eles. Os ânimos pareciam acirrados, mas havia necessidade e interesse em resolver a situação, que incomodava os dois.

Contaram que há muito não conversavam, e a mágoa e o ressentimento surgiram. Uma situação de traição e o fato do marido ter assumido uma nova relação ainda durante o processo de separação, era dolorido para a medianda. Ela se sentia humilhada e desrespeitada.

Outro fator que tornou a Mediação ainda mais delicada foi a idade avançada dos dois, que conviveram por quatro décadas e agora traziam àquele novo espaço sentimentos de mágoa, raiva e decepção. O acordo não parecia possível, principalmente pela postura dele, intransigente, dizendo que não abriria mão dos bens.



Foi quando a habilidade das mediadoras foi necessária, deixando os dois confortáveis, seguros de suas posições e prontos para ver o futuro de uma forma positiva e equilibrada.

Durante os novos encontros foram mudando suas posturas, voltaram a conversar e conseguiram sentar lado a lado na última sessão, quando ele fez questão de reconhecer a importância da mulher com que compartilhou sua vida por 40 anos e, finalmente, lhe pedindo desculpas pelo seu comportamento.

E foi com muita emoção que ela respondeu estar aliviada em poder seguir a vida sem mágoas e ressentimentos e ele, satisfeito com o resultado, queria trilhar seu novo caminho, com tudo resolvido.

Já as advogadas, que não acreditavam ser possível um entendimento, elogiaram o trabalho das mediadoras. "Foi muito gratificante fazer parte dessa construção, desse entendimento, saber que tudo vale a pena quando se tem vontade e disposição de auxiliar as pessoas, demonstrando que são capazes de resolverem seus problemas, através do diálogo, com soluções de ganhos mútuos e trazendo a paz que é tão importante para todos".

## MONTANHA RUSSA SINDICAL

---

**A** este mediador, coordenador administrativo do Nupemec de uma grande capital, cabiam os casos mais complexos, normalmente encaminhados por desembargadores. Sua boa fama o capacitava para conduzir grandes Mediações, mas o que vinha pela frente era muito maior de tudo o que já havia enfrentado.

Um desembargador o consultou sobre uma tentativa de entendimento para um embate que durava oito anos, com milhares de processo que foram desmembrados e distribuídos por diversos gabinetes. De um lado o Governo do Estado, de outro o maior sindicato de servidores da região.

Como primeiro passo, chamou os representantes para um encontro em seu gabinete e apresentou a proposta de Mediação. Compareceram o presidente do sindicato e alguns membros da diretoria acompanhados de advogado, e do outro lado três procuradores, dois homens e uma mulher. Todos concordaram em participar, mas não pareciam muito confiantes no sucesso da experiência. O advogado chegou a admitir que só estava lá por respeito ao desembargador. "Este é o ponto em que devemos testar nossa paciência, otimismo e determinação", salienta o experiente mediador.

A partir dali iniciaram muitas sessões e um enorme aprendizado aos envolvidos. Todos chegaram sem esperança, com

uma visão limitada do processo e sem compreender que poderiam modificar suas perspectivas, seus conceitos.

Gradativamente, ao longo de sete meses, passaram a perceber pontos de interesse comum e pequenos avanços surgiram. Durante este tempo houve a necessidade de realizar assembleias do sindicato e demoradas análises por parte dos procuradores com consulta ao Procurador Geral. Isso para ajustes de, muitas vezes, pequenos detalhes.

Ao final, apenas a procuradora permaneceu empenhada na busca de soluções. Talvez, avalia o mediador, pela sua capacidade de agir com paciência, objetividade e racionalmente. Era a única mulher naquele ambiente e em nenhum momento se intimidou frente aos duros comentários dos sindicalistas. Pelo contrário, conquistou a empatia e até mesmo a simpatia através de seu conhecimento técnico, qualidade aproveitada pelo mediador para trilhar o caminho ao entendimento.

O acordo, no valor total de 150 milhões de reais, foi fechado com múltiplas soluções para pequenos e grandes pagamentos, inclusive com a opção dos sindicalizados aderirem ou não ao entendimento.

Quanto ao advogado que não acreditava na possibilidade de um bom resultado, comentou que algumas soluções agora pareciam tão óbvias e elogiou todo o procedimento, ainda que tenha durado tanto tempo.

Hoje o mediador, que já está atuando em outro estado, lembra daquela Mediação como uma montanha russa, cheia de altos e baixos necessários para chegar ao sucesso. "Uma Mediação que começou com um 'não' e terminou com um ótimo 'sim'".

## MURO DA CONCÓRDIA

---

Quem trabalha com Mediação Cível sabe que conflitos entre vizinho, principalmente causados por muros, é bem comum e de difícil solução. Cada um acredita estar sendo mais prejudicado que o outro e um entendimento nem sempre é possível por meio da Mediação.

E esta história não parecia ter outro destino: duas famílias vizinhas estavam profundamente abaladas com os problemas enfrentados há mais de oito anos, referente a um muro e ao escoamento de esgoto pluvial em períodos de chuva forte, que chegava a alagar uma das casas.

Existiam três processos em andamento relativos aos danos sofridos pelas famílias e embargos à obra do muro por parte da Prefeitura. Assim, já na sessão inicial compareceram os vizinhos e o arquiteto da Prefeitura, todos acompanhados de advogados.

Neste primeiro momento ficou combinado que o arquiteto iria acompanhar os trabalhos, auxiliando os vizinhos na lista de materiais necessários à obra do muro.

No encontro seguinte, foi perceptível a evolução na comunicação entre as famílias, que se uniram para adquirir os materiais não só para o muro como também para a canalização da água da chuva. Até que os trabalhos tenham sido concluídos, com o acompanhamento do arquiteto da Prefeitura, foram realizadas várias sessões ao longo daquele ano.

A transformação daquelas famílias foi impressionante, com uma grande aproximação e até o início de uma forte amizade. Os vizinhos que nem mesmo se cumprimentavam, acabaram trabalhando juntos, dividindo despesas, unidos em buscando de solução.

A última sessão, conta a mediadora, foi emocionante, pois as vizinhas, agora amigas, abraçaram-se e agradeceram pela oportunidade de conhecer e participar da Mediação.

## O HOMEM QUE SE TORNOU PAI NA MEDIAÇÃO

---

Muito mais do que a pensão, esta história nos traz uma filha em busca de carinho e reconhecimento, coisas que, infelizmente, a Justiça não pode exigir de um pai.

A menina, menor de idade, fez questão de comparecer ao Cejusc e participar da sessão com a mãe. Queria conversar e entender porque era tratada diferente da meia-irmã mais nova. O homem explicou que a separação, novo casamento e mudança para outra cidade o levaram a se afastar, mas não pareceu tocado pela fala da filha. Por fim, confirmou que pagaria o valor solicitado, sem problemas.

E a Mediação seguiu a partir daí, com a mãe expondo as necessidades da menina nos estudos, pois pretendia cursar Medicina. Era extremamente dedicada e fazia diversos cursos que lhe garantiam reforço escolar.

Aos poucos o homem foi se interessando e encantando com o que era dito e admitiu que não conhecia aquelas características. Ele também foi um bom aluno e ainda tinha muito prazer em aprender, frequentando cursos em diversas áreas. O pai se reconheceu naquela menina e disse que, dos quatro filhos, era a mais parecida com ele.

Feliz com o que ouviu ali, se ofereceu para aumentar o valor da pensão para que ela pudesse fazer todos os cursos de seu interesse e se mostrou disposto a conviver com a jovem. Queria

estabelecer vínculos a partir daquele momento, para trilhar o caminho com a filha e poder comemorar as conquistas que viriam, juntos.

Quanto à filha, ficou animada com a possibilidade de se conhecerem melhor e de o ter ao seu lado. Ela alcançou o objetivo e, satisfeita, resgatou o pai a partir daquela Mediação.

## OFICINA QUE TRANSFORMA

---

**A**mbos é indicada a participação na Oficina de Pais, justamente por apresentar grandes e positivos resultados para o momento da Mediação.

A história que vamos contar envolvia um casal e uma filha que, na verdade, nunca conviveram. Houve inclusive a necessidade de investigação de paternidade, pois a gravidez foi descoberta após o fim do relacionamento.

O pai, já com nova família formada, esposa e filhos, morava há 500 quilômetros de distância e, em tempos de sessões presenciais, isto justificou a realização de uma Mediação longa e intensa, pois todas as etapas aconteceram em um mesmo dia. E para quem conhece o processo da Mediação, pode parecer impossível um resultado positivo nestas condições. Contudo havia um grande diferencial: a mãe participou de uma Oficina de Pais, o que foi decisivo.

Ainda que o motivo da separação tenha sido a atual companheira do pai, a mãe conseguiu refletir sobre o fim do relacionamento. Foi possível, inclusive, envolver a madrasta nas sessões individuais, ainda que ela mostrasse um certo receio com a reação da mãe.

O pai, que estava acompanhado de advogado, ao contrário de sua ex-companheira que dispensou assessoria jurídica, não



conseguiu esconder sua surpresa frente àquele comportamento "não acredito que uma palestra a fez mudar assim".

Durante o processo ela pediu desculpas ao casal "por ter transformado suas vidas num inferno" e por ter afastado a filha daquela família. Sugeriu que a menina pudesse conhecer os irmãos e ressaltou a necessidade da convivência entre eles.

A partir daí conseguiram restabelecer a confiança, garantido um ambiente positivo para a filha, que passaria a frequentar a casa do pai, ainda que morasse longe.

Sem dúvida, esta foi uma Mediação complexa, um grande desafio, principalmente por ter transcorrido em um único dia. Contudo, foi visível a transformação dos participantes e, certamente, a Oficina de Pais foi o instrumento essencial para que isso acontecesse.

## OS PAPEIS TROCADOS

---



**O**s mediadores se preparavam para mais uma Mediação Cível. A informação é que se tratava de uma regularização de venda de um imóvel.

Os dois envolvidos foram recebidos com seus advogados e, após as apresentações, veio a surpresa. Nenhum dos presentes tinha ligação legal com o bem.

A moça ocupava a casa, que era do irmão. Compareceu porque sua mãe, falecida há mais de 20 anos, e que foi a moradora anterior, foi citada e elas tinham nomes semelhantes.

Já o solicitante, havia negociado o terreno através de um amigo advogado, também já falecido. Foi ele quem assinou os documentos e negociou com o irmão da moradora. A acusação era de que o pagamento nunca havia sido feito.

A partir daí, ficou claro que nenhum deles tinha condições de decidir nada naquele momento. E os advogados assumiram o compromisso de procurar o irmão e familiares do advogado para tentar solucionar o problema.

Este desfecho provou como é importante a comunicação entre as pessoas, a presença dos envolvidos nas sessões e a oportunidade de todos falarem e trocarem informações. Neste caso foi estabelecido o diálogo, esclarecido parte do conflito e encaminhada uma possível solução, que não envolvia aquelas pessoas.

## OUTROS CONFLITOS

---

**N**as Mediações, principalmente nas Familiares, é costume ressaltar a presença dos advogados, tão importantes na confecção do termo, principalmente quando há partilha de bens ou outras questões jurídicas, mas nem sempre os procuradores são colaborativos e isso pode gerar ainda mais conflitos.

Esta é a história de um momento desgastante, uma sessão extenuante em que o advogado se tornou a principal preocupação da mediadora, que era observada por uma colega em estágio.

Já no início, na abertura da sessão e após saber que a equipe garantia mais de uma hora para a reunião, o advogado interrompeu dizendo que tinha no máximo 20 minutos disponíveis e que a proposta de seu cliente estava pronta.

A mediadora explicou que ele poderia se ausentar naquele primeiro momento, sem prejuízo à Mediação, participando da sessão final que seria agendada para dia e hora em que tivesse mais tempo.

Contudo ele insistia em concluir o processo ainda naquele dia, em apenas 20 minutos. Foi quando a mediadora lhe lembrou da voluntariedade e sugeriu que ele e seu cliente se retirassem, com o processo retornando ao Judiciário. Mas o mediando não concordou, acenando que queria permanecer.

A partir daí, a todo momento a mediadora precisava acalmar e "afagar" o advogado, enquanto lidava com o conflito entre o ex-

casal. Ainda que o homem estivesse seguro de suas posições e conseguisse se expressar e conversar com a ex-mulher, tentava interromper ou interferir nas falas, até que, a certa altura, pediu o telefone da advogada para que pudesse enviar a tal proposta e encerrar a Mediação de imediato. Contudo, a colega se negou, afirmando que gostaria de seguir com a sessão.

Foi neste momento que a mediadora interrompeu a sessão e fez um rápido resumo dos pontos já discutidos a partir da pauta que haviam construído. O advogado então se mostrou surpreso com a evolução e a importância daquele entendimento, que tratava principalmente do bem estar dos filhos do casal.

A mediadora então destacou como acontece uma Mediação, em que as pessoas envolvidas são as protagonistas e tanto mediadores como advogados estão presentes para auxiliar e dar suporte para que tenham segurança em suas decisões. E, como já estava previsto, o advogado confirmou que não conhecia a Mediação e, portanto, nunca havia concordado em participar.

Por fim, além de um acordo favorável àquela família, em que todos saíram satisfeitos, a maior conquista foi o aprendizado daquele advogado, que provavelmente passou a considerar a possibilidade de participar de Mediações como algo positivo e proveitoso. A esperança é que tenha iniciado ali a sua transformação de um profissional litigioso para colaborativo.



**E**sta mediação, que teve um desfecho "abençoado", aconteceu na região da Campanha. Foi durante um encontro extrajudicial que o mediador, após horas de sessão tensa e pesada, sugeriu que o grupo fosse a um restaurante próximo tomar um café e relaxar.

Um dos mediandos era de outro estado, e o colega mediador achou interessante apresentar um pouco da cultura e, principalmente, da culinária ao visitante. O local em que estavam era conhecido pela comida, pães saborosos e, claro, o bom vinho.

Já na chegada os proprietários os acolheram com alegria, prepararam uma bela mesa, no estilo "café colonial", e passaram a servir variedades de pães, geleias, frios... e vinho!

E foi nesse novo ambiente, alimentados por pão e vinho, que os mediando retomaram o diálogo, chegaram a um entendimento e firmaram um acordo que agradou a todos, inclusive aos paladares...

**A** mediadora que fez este relato costuma dizer que a Mediação parece mágica, mas não é. É leitura, estudo, técnicas, habilidades dos mediadores para "entrar" na relação em conflito e compartilhar o que aprendem e exercitar para que os mediandos possam estabelecer a comunicação e, quem sabe, chegar ao entendimento vivenciando essa política pública de pacificação social chamada **MEDIAÇÃO DE CONFLITOS**.

A partir das supervisões/intervisões realizadas no Centro de Referência em Mediação e Conciliação da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul, é possível vivenciar experiências incríveis, sempre aprendendo.

No inverno de 2022 aconteceria a quarta sessão de Mediação online entre os pais de uma criança de apenas dois anos. Nas três primeiras não conseguiram conversar para decidir questões que envolviam a criança. Ainda que as mediadoras se esforçassem, eles pareciam não ter avançado o suficiente para o entendimento.

Momentos antes do início desta última sessão, a equipe de mediadores conversou, pensando em alternativas para que os mediandos saíssem de suas "posições" e pudessem gerar opções.

Mas este dia acabou marcando a caminhada da nossa colega mediadora por dois motivos:



- devido a uma atividade da filha, participou da sessão online dentro do carro, em um estacionamento no subsolo de um prédio. "Em oito anos como mediadora, sabendo a importância do 'espaço' de realização da mediação, foi a primeira vez que isso aconteceu", recorda ela.
- assim que a sessão de Mediação iniciou a equipe foi surpreendida por uma declaração inusitada e bem vinda: "nós conversamos ao longo dos últimos dias e já resolvemos sobre a guarda, a convivência e a pensão". Os dois pareciam muito seguros, conversando, rindo.

Aquela foi uma grande surpresa, uma situação inesperada, que prova que não há quem passe por uma Mediação e saia como entrou. Como diz um dos maiores incentivadores da mediação, Dr. Roberto Lorea: "se as partes que chegarem à audiência tiverem passado pela Mediação, basta um sopro e o acordo acontece".

Sendo assim, "seguimos acreditando, investindo estudo, tempo, energia porque acreditamos que esse é o caminho certo para chegarmos à paz nos relacionamentos".

**E**ra um peleia bem antiga, as brigas do casal pela filha de dois anos era uma extensão dos conflitos do divórcio litigioso e chegaram ao sustento, convivência, guarda...

Até que um atraso de dois minutos na entrega da "Princesa", os levou à Delegacia de Polícia para o registro de um Boletim de Ocorrência, o conhecido B.O. Dali ao Fórum foi um caminho natural.

O processo chegou com 10 volumes, mais de duas mil páginas, acompanhado de dois renomados advogados da capital gaúcha, dois profissionais liberais "gabaritados", mas que na época ainda desconheciam a Mediação.

Como era de se esperar, o ex-casal não conseguiu sentar perto e nem mesmo se olhar. A mediadora iniciou oferecendo um chá e guloseimas, procurando quebrar o clima que estava muito além de frio, congelante.

Foram muitas as sessões, conjuntas e individuais, em que eles pareciam não evoluir. Mas a cada sugestão para conclusão da Mediação ambos solicitavam reagendamento. Havia algo que permanecia daquele relacionamento aparentemente encerrado, uma ponta solta...

Já no oitavo encontro, durante as sessões individuais que deveriam encaminhar a finalização de todo o processo, surgiu uma

nova informação. Havia outra criança, um filho afetivo que ele acolheu como seu.

Ela estava grávida quando se conheceram, ele acompanhou toda a gestação e, inclusive, assistiu o parto. Na época casaram às pressas, frustrando o sonho da noiva, para que pudesse utilizar o plano de saúde, pois o feto precisava de uma cirurgia intrauterina.

Ainda assim, o pai biológico buscava a criança nos finais de semana e isso sempre o incomodou. Por fim, ele informou que também queria ter direito dessa convivência.

Já a Princesa nasceu da insistência da família paterna, do interior, igualmente incomodada pela ausência daquela criança a cada final de semana, que reivindicava um neto só seu. Quando resolveram engravidar, o casamento estava desgastado e o resultado foi a Princesa virar alvo de disputa; eles praticamente a "cortavam ao meio" em todas as situações.

Por fim, concordaram em marcar a sessão final, mas só havia uma data disponível, 19 de abril... dia do aniversário de casamento da mediadora, que havia programado uma viagem com o marido. Empenhada em concluir aquela "novela", o voo foi remarcado e a mediadora decidiu organizar um café da manhã no Cejusc. "Se vocês não me deixam ficar com meu marido no Rio de Janeiro, terão que me acompanhar no café da manhã", disse aos mediandos.

Naquela manhã, com uma mesa farta preparada para aquela sessão especial, a mediadora não imaginava o presente que os pais da Princesa lhe prepararam. O casal chegou de mãos dadas, decididos a reiniciar a vida em comum. Eles iriam organizar o casamento dos sonhos, com direito a igreja, vestido de noiva, festa...

A convidaram, inclusive, para ser madrinha. Pedido que ela agradeceu mas, lembrando os princípios da Mediação, recusou.

Aquele dia se tornou inesquecível e, de lá pra cá, a nossa mediadora o comemora duplamente. Foram necessárias nove sessões, paciência e sabedoria para levar aquele casal a perceber o que realmente queriam para a Princesa e sua família.

## QUATRO IRMÃOS, TRÊS DESEJOS

---



Quando os quatro irmãos chegaram ao Fórum para uma sessão de Mediação Cível, o objetivo era cobrar uma dívida de anos, contraída por três deles com o mais velho.

Com mais de 80 anos, aquele senhor queria, finalmente, receber seu dinheiro e acabar com aquele incômodo financeiro. O processo, iniciado há cerca de 15 anos, já havia sido julgado, mas

retornou para a Mediação porque não podia ser cumprido: o valor chegava a R\$ 400 mil e todos tinham como renda apenas suas aposentadorias.

Durante a sessão a mediadora percebeu que, para o irmão mais velho, já não importava mais o valor da dívida e sim o fato de estar longe da família por todo aquele tempo. E ele percebeu que a Mediação poderia auxiliar na reaproximação. Realmente, após todos falarem e se ouvirem, contando as realidades que estavam enfrentando e reconhecendo seus erros, o credor fez sua proposta final: para sair dali completamente satisfeito, ele esperava receber dos irmãos PAZ, JUSTIÇA e TRANQUILIDADE.

Os três desejos entraram em pauta e cada um ofereceu o que podia para amenizar a dívida, que se tornou simbólica. Perceberam que estavam perdendo tempo e o mais importante foi a decisão de, já naquele final de semana, organizar um churrasco para reunir a família e comemorar a vida

"Muito gratificante fazer parte disso", comemorou a mediadora.

## REENCONTRO COMOVENTE

---

“Essa foi uma das mediações mais comoventes que participei”, conta a mediadora. O casal de idosos chegou acompanhado de seus advogados para a Mediação Familiar, o objetivo era formalizar o divórcio. Ela com 93 anos e ele um pouco mais novo.

Os advogados informaram que havia um acordo previamente estabelecido e os mediadores disseram que queriam ouvir os envolvidos. Pois quando iniciaram as falas percebeu-se que não havia conflitos, oposição ou controvérsia. Eles se amavam e queriam ficar juntos. A separação aconteceu há cerca de um ano, quando a idosa precisou se ausentar para realizar exames médicos. Passou um tempo na casa de uma irmã e nunca mais voltou, impedida pelo neto. Este estava desempregado e “convidou” a avó para morar com ele, levando todas as roupas e alugando uma casa em nome dela.

O neto ainda se apropriou dos cartões da avó, que recebia uma aposentadoria razoável como servidora municipal, sem contar a conta poupança com um considerável valor. Com o tempo a aproximação do casal passou a ser proibida e qualquer ligação telefônica era interceptada.

O processo chegou ao Fórum com pedido de divórcio feito pela idosa, que relatou nunca ter solicitado e que não queria se separar após 50 anos de casados.

A irmã e um sobrinho que estavam aguardando no corredor, acompanhados do neto, foram chamados para sessões individuais e confirmaram as irregularidades. Contudo tinha medo da reação dele, que se mostrava agressivo.

Os advogados se surpreenderam com o que ouviam e se comprometeram em, unidos, tomar providências contra o crime cometido. A advogada contratada pelo neto confirmou que nunca havia conversado sozinha com a cliente.

Após tudo esclarecido a senhora dizia: "Que saudade do meu velhinho!" e ele respondia: "Quero voltar a fazer aquela comidinha que tu tanto gosta!". Ambos se abraçaram e beijaram, com muita saudade após um ano e ficaram de mãos dadas até o final da sessão, e naquele mesmo dia retomaram a sua vida conjugal e financeira.

Quanto ao neto? Teve que enfrentar o processo movido pelos dois advogados, que passaram a representar aquela família.



## SOBRE SEGUIR EM FRENTE

---

**P**assar com o sinal vermelho provocou uma fatalidade no interior do Estado. Ao descumprir essa regra básica de trânsito: respeito ao semáforo, um senhor bateu seu carro contra o de outra motorista, que acabou perdendo o braço pela gravidade dos ferimentos.

Ambos chegaram muito abatidos na sessão de Mediação. Ela extremamente magoada, ressaltando que o importante não era dinheiro da indenização, mas sim a busca por justiça. Não aceitava o fato dele nunca a ter procurado para saber como estava, qual as consequências da sua imprudência.

Aos prantos, ele contou que esteve no hospital diversas vezes, perguntando aos funcionários sobre a saúde de sua vítima, mas sem coragem de conversar com a família. Após a alta, procurava saber notícias por intermédio de conhecidos, amigos em comum, mas sempre pedindo sigilo sobre sua preocupação. Ainda ali, naquele momento, ele não tinha coragem de lhe olhar nos olhos, encarar o mal que havia causado e, ainda que contasse com ajuda psicológica, o acidente seguia lhe tirando o sono e a paz.

Quando os dois se acalmaram, iniciou um diálogo franco e produtivo. Trataram dos ajustes financeiros, que compreendiam ser necessários, pois ela havia parado de trabalhar durante a recuperação. Mas o principal foi a conversa sobre culpa e perdão,

a compreensão de que ela não havia sido desprezada pelo motorista que lhe provocou o acidente e que também não o odiava por tudo aquilo. Por fim o acordo foi, principalmente, sobre como lidar com sentimentos e seguir em frente.

## TED E O CONFLITO INFINITO

---

**P**or mais de 12 anos a enfermeira e o militar viveram juntos. Ela, com mais de 40 anos, se apaixonou rapidamente e o convidou para morar em sua casa. Ele, bem remunerado, a convenceu a parar de trabalhar. Juntos criaram o Ted, um cão de grande estatura, que se abrigava em um também grande canil construído nos fundos da casa.

Nos últimos dois anos ela passou a conviver com o reumatismo, que lhe provocava muitas dores, desconforto... Aos poucos notou o comportamento estranho do companheiro até que descobriu a traição com uma jovem mulher. O expulsou de casa, mas ficou sem condições financeiras de se manter e ao cão, além da dificuldade física de cuidar do animal.

Assim, ela chegou à sessão de *Mediação Familiar* em busca de uma quantia em dinheiro para o seu sustento e ajuda com o Ted. O militar contou que não a havia abandonado, levava remédios para ela e ração para o cachorro, mas não se sentia obrigado a lhe destinar um valor fixo mensal.

A negociação não foi fácil, ambos apresentavam motivos e explicações para suas posições, até que ele aceitou a auxiliar financeiramente. Mas não entraram em acordo quanto ao Ted.

Foi proposta uma combinação provisória de que ele faria, semanalmente, a higiene do canil e levaria o Ted para passear dois dias durante a semana.

Foi reagendada uma sessão para o mês seguinte, quando seria avaliado este período de experiência dos cuidados com o cão. Mas eles voltaram entristecidos, em luto. O Ted havia morrido, mas o conflito seguia firme! Como ela gastou o valor da pensão com o atendimento veterinário, queria ser ressarcida...

E então começou uma nova sessão de Mediação, para um conflito que parecia infinito!

UMA GRANDE FAMÍLIA

---



**A** sala de Mediação online se encheu de pequenas telinhas. Eram oito filhos de uma senhora de 84 anos, até então sob a responsabilidade de apenas uma das filhas. Com o agravamento do quadro de saúde da mãe e conseqüente aumento das despesas, ela

procurou o Cejusc em busca de ajuda. Os irmãos se afastaram ao longo do tempo e era difícil o diálogo entre eles.

A primeira reação da mediadora foi pedir aos Céus sabedoria e empatia para trabalhar com aquela família. Ao longo de várias sessões conjuntas e individuais, foram surgindo motivos, ressurgindo sentimentos, renovando o amor fraterno.

Por fim, a Mediação não só conseguiu organizar os cuidados com a mãe entre os irmãos, com os finais de semana estipulados para cada filho, dando oportunidade dela conviver com as famílias e, principalmente, os netos; como também promoveu a escolha de um procurador para as questões financeiras.

Além da melhora na comunicação, a Mediação serviu para reaproximar aquela grande família. Este resultado de sucesso chegou a ser citado por um jornalista em sua coluna em jornal de grande circulação, apresentando ao Rio Grande do Sul a força e a importância das Mediações e Conciliações.

## COLABORADORES

---

**O**s que ajudaram a dar corpo a este volume:

Adriane Beck Leite

Alessandra Nogueira

Ana Lúcia do Canto Rubbo

Clarissa de Sousa Ribeiro

Cláudia Patrícia Leitzke

Creuzeny Silva

Daniela Finger

Denia Spencer

Diocelia Martins Teixeira

Dionara Oliver

Geovana Tomasini Siqueira

Jane Javorski

João Terra

Larissa Furlan Zanettini

Leonardo Dellapascoa

Marcelo Girade Correa

Marcelo Malizia Cabral

Maria Inês Alves Campos

Michele Haas

Nara Teresinha Pereira Figueira



Raquel Viçosa

Simone de Andrade Alves

Simone Maria Schlossmacher

Sirlete Regina Tondin Ramos

Tereza Margarete Mossini da Rocha

Valesca Souza da Roza

Veridiana Maria Rehbein

Veridiana Martins

Zeneida Aguiar